

Que cante!

2.ª LAVADEIRA:

Que se esconda!

1.ª LAVADEIRA:

E que volte a cantar.

6.ª LAVADEIRA:

É uma nuvem de amor
O badeiro do meu menino.

2.ª LAVADEIRA:

Na água fria do rio
Vim lavar a tua cinta
Delgada.
É como um jasmim de fogo
O Riso
Da tua boca de tinta
Encarnada.
Ai, ai, ai.

DESCE JOÃO

CENA: PAZ, HOMEM E MULHER

QUADRO II

Casa de Yerma. Anoiecer. João está sentado. ~~As lavadeiras entram.~~

João: Dizes que não há bocado? *(a irmã responde com a cabeça)*. Deve estar na fonte. Mas já sabeis que eu não gosto que ela saia só. *(Pausa)*. Podes pôr a mesa. *(Sai a irmã mais nova)*. Bem o ganho o pão que como. *(Para a irmã)*. O dia de trabalho que tive ontem. Pudei as traceiras, rá, e ao cair da noite pus-me a pensar para que vivo

nesta primeira de trabalho se nem posso levar uma magê à boca. Estou farta. *(passa a mão pela cara. Pausa)*. Ela não volta... Uma de vós devia ter ido com ela. Para isso estão aqui, a comer o meu pão e a beber o meu vinho. A minha vida está no campo, a minha honra está aqui. E a minha honra e também a vossa. *(a irmã inclina a cabeça)*. Não me tomes a mal.

(Entra Yerma com dois cântaros. Fica parada à porta)
João: Vens da fonte?

Yerma: Para ter água fresca na comida. *(sentando-se)*. Como estão as terras?

João: Ontem pudei as maceiras. *(Yerma põe os cântaros. Pausa)*

Yerma: Dormes em casa?

João: Tenho de tratar do gado. Bem sabes que isto é casa com dono.

Yerma: Sei muito bem. Não é preciso dizeres.

João: Cada homem tem a sua vida.

Yerma: É cada mulher a sua. Não te peço que dirimas cá. Tenho tudo o que preciso. As tuas irmãs guardam-me bem. Pão mole, leite fresco e borrego assado, dá-me tu aqui, como dás ao gado os pastos verdes do monte. Creio que podes viver em paz.

João: Para viver em paz é preciso andar tranquilo.

Yerma: E tu não andas?

João: Não.

Yerma: Deixa-te de cismas.

João: Tu não sabes como eu sou? As ovelhas no aprisco e as mulheres em casa. Tu vais amanhã à rua. Sempre to tenho dito.

Yerma: É verdade. As mulheres ficam em casa. Quando as casas não são covas. Quando há buracos nos assentos das cadeiras e os lençóis de linho se gastam. Mas aqui não. Todas as noites, quando me deito, a cama está mais nova, mais brilhante, como se a tivéssemos comprado na véspera.

João: Tu mesma reconheces que tenho motivos para me queixar. Que tenho motivos para andar inquieto!

Yerma: Inquieto porquê? Em nada te ofendo. Sor-te

fiel, e as minhas dores tenho-as agarradas à carne. Os dias passam e é cada vez pior. É melhor calarmo-nos. Eu hei-de saber levar a minha cruz, mas não me faças perguntas. Se eu pudesse, de repente, tornar-me uma velha e a minha carne ficar uma flor murcha, eu podia sorrir para ti e levar a vida a teu lado. Agora, agora, deixa-me com os cravos da minha cruz.

João: Falas com palavras que eu não entendo. Nada te falta. Até vou às outras aldeias para comprar o que tu gostas. Tenho os meus defeitos, mas quero viver contigo em paz e sossego. Quando durmo fora de casa quero pensar que tu também estás a dormir.

YERMA: Mas eu não durmo, não posso dormir.

João: Falta-te alguma coisa? Diz-me o que te falta.

YERMA (*com intenção e olhando fixamente o marido*): Sim, falta-me. (*Pausa*)

João: Sempre o mesmo. Há mais de cinco anos. Já quase me esqueci disso.

YERMA: Eu não sou como tu. Os homens têm outra vida. O gado, as árvores, a conversa. Nós, as mulheres, só temos as crianças e o cuidado delas.

João: Nem toda a gente é assim. Porque não trazes para cá um filho de teu irmão? Não me oponho.

YERMA: Não quero criar os filhos dos outros. Parece que me gelam os braços quando lhes pego.

João: Essa mania, endoidece-te. Pensas no que não deves pensar, e anda-te a cabeça à roda como uma roca.

YERMA: Roca que é infante que seja roca, porque devia ser uma açafate de flores e água doce.

João: A teu lado, só sinto inquietação e desassossego. Só podes resignar-te.

YERMA: Não foi para me resignar que eu me meti nestas quatro paredes. Quando eu tiver a cabeça atada com um lenço para a boca se não abrir e as mãos bem amarradas dentro do caixão, então sim, estarei resignada.

João: Que queres dizer?

YERMA: Quero beber água e não tenho púcaro nem

água, quero subir ao monte e não tenho pé, quero bordar as minhas saias e não tenho linhas.

João: O que acontece é que tu não és uma verdadeira mulher. Queres a ruína de um homem sem vontade.

YERMA: Eu não sei quem sou. Deixa-me andar e aliviar. Em nada te ofendi.

João: Não gosto que os outros me apontem. Por isso eu quero esta porta fechada e as pessoas dentro de casa.

YERMA: Não é pecado falar com as pessoas.

João: Não é, mas pode parecer.

~~João: Não é, mas pode parecer.~~

João (*em voz baixa*): Eu não tenho forças para isto. Quando te vierem falar fecha a boca e lembra-te que és uma mulher casada.

YERMA (*com assombro*): Casada?

João: É que as famílias têm honra e que a honra é uma carga que se tem de dividir entre todos. ~~Quando a honra de uma família~~ que trazemos escondida nas veias do sangue. ~~Quando a honra de uma família~~ ~~Quando a honra de uma família~~ Perdoa-me (*Yerma olha o marido que levanta a cabeça e encontram os olhos*) Olhas-me de um modo... eu não devia dizer-te: perdoa-me, mas obrigarte, fechar-te, porque eu é que sou o marido.

~~João: Não é, mas pode parecer.~~

YERMA: Pego-te que não digas nada. Deixa as coisas como estão. (*Pausa*)

João: Vamos comer. ~~Quando a honra de uma família~~ Ouviste-me?

YERMA (*Surto*): Come com as tuas irmãs. Eu ainda não tenho fome.

João: Como quiseres. (*Sai*) — *FIN*

YERMA (*Como a sonhar*):

Ai, que prado de paixão!

Ai, que porta tão fechada à formosura!

Pego um filho em imolação

De q ar

Todo feito de amargura